

LEMBRANDO NAPOLEÃO TEIXEIRA

A classe acadêmica de Direito, sob iniciativa do Centro Hugo Simas, promoveu significativa homenagem póstuma ao Professor Napoleão Lyrio Teixeira, recentemente falecido, tendo inaugurado placa na sala em que o saudoso mestre lecionou durante muitos anos.

A cerimônia, dirigida pelo presidente do Centro Acadêmico Hugo Simas, estudante José Eduardo Mello Leitão Salmon, e realizada na manhã do dia 16 de outubro de 1978, contou com a presença do Prof. Othelo Werneck Lopes, Diretor do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, vários professores, estudantes, amigos e ex-alunos do homenageado, destacando-se também a presença de dona Hylde F. Teixeira, viúva do catadrático falecido e demais familiares.

Em nome do corpo discente usou da palavra o estudante Odilon Reinhardt, que produziu a seguinte oração:

"O Paraná de hoje, com seu desenvolvimento, nos faz lembrar o Paraná de ontem, de décadas atrás.

A época de um Paraná pioneiro, Estado novo experimentando o entusiasmo de novos tempos e começando a projetar-se para o futuro que conhecemos hoje.

Época de um Paraná virgem, em que as estradas começavam a penetrar a severidade das matas, a desvendar os segredos do interior do Estado.

Época em que a Justiça principiava a adentrar o mato para instalar-se em meio aos pinheirais e cafezais imensos, nos mais distantes pontos de civilização, longe desta Capital.

Seguindo os caminhos da Justiça, iam para o interior promotores, advogados, juízes.

Promotores, advogados, juízes saídos das salas desta **FACULDADE DE DIREITO**, para aplicarem seus conhecimentos acadêmicos pelo Estado afora contribuindo para a formação de culturas novas no

desenvolvimento sócio-econômico que se implantava. **Conhecimentos estes** adquiridos nos bancos desta Casa e formados por professores do ensino jurídico do passado. E neste particular devemos ressaltar a importância do Prof. Catedrático Napoleão Teixeira.

que, fornecendo conhecimentos de sua cadeira, contribuiu para a parcela de formação profissional que lhe cabia preencher e que, com seu espírito humanitário, aberto a todas as perspectivas do conhecer e do saber contribuiu para a formação do **pensamento de Academia** que era levado para lugares distantes desta casa **naquele quadrante da História de nosso Estado.**

Destarte o Professor Napoleão Teixeira deu sua grande parcela de contribuição para o desenvolvimento de nossa terra.

A vida o levou, mas seu trabalho como professor e cidadão permaneceu nos estudantes que ajudou a formar. Estudantes estes, que hoje são os expoentes da vida jurídica paranaense, como **professores, magistrados, advogados, promotores, dirigentes da sociedade** atual nos mais variados cargos da vida pública.

Homem como este, pertencente ao patrimônio moral desta Casa e da intelectualidade paranaense, é que deve ser homenageado e reverenciado. Não pode ser esquecido. **Deve ser respeitado por seu trabalho, por sua obra e como professor**, pois a morte de um professor, por si só, é a morte de uma parcela da formação para o futuro.

Reparando a omissão e a falta de respeito do esquema **tecnoburocrático** que hoje paira sobre esta FACULDADE DE DIREITO, coube ao CENTRO ACADÉMICO HUGO SIMAS reunir nossos pêsames e prestar homenagem a um dos mestres que contribuiu para a formação daqueles que se tornaram os profissionais, dirigentes, líderes e mestres de hoje, tendo estes últimos, agora, a seu turno, o valor incomensurável de preparar seus substitutos do Paraná do amanhã.

Um Paraná **bem diferente** de ontem e de hoje..."

Falou a seguir o Prof. René Ariel Dotti, do Departamento de Direito Penal e Processual Penal da Faculdade, em nome do Corpo Docente. Disse:

"Assim está escrito, na abertura de seu livro: "Seja qual for o sentido dos dias meus,, senti, e sinto ainda, o trabalho dos meus seres no meu e as pegadas das suas vidas sobre a minha vida".

E foi justamente no livro dedicado ao estudo do suicídio onde tanto se amou a vida, quando lembrou os mortos queridos (o pai, a mãe, a irmã Amélia) ou quando pensou na esposa e no filho ("Dois afetos, duas razões para lutar").

Estamos entendidos. Era preciso falar sobre a morte para realçar a vida, num jogo de contraste, assim como é preciso sofrer o mal para melhor fruir o bem.

Em nossos momentos de convivência, aqui mesmo nesta Universidade, aprendemos a perder o medo que a morte poderia inspirar pelas imagens mórbidas ou distorcidas desde as revelações da infância. Eu estava entre seus muitos alunos e me sentia embalado pela sua palavra mágica e fluente.

E ficávamos, todos, a ouvir sobre as dores e as alegrias do mundo e das pessoas; do bom e do mau; do céu e do inferno; de anjos e demônios. Ouvíamos todos. Às vezes em ruidosos comentários, em ambiente de festa; às vezes em silêncio, em forma de oração. Mas ouvíamos sempre e principalmente quando as narrativas sobre os fatos e as personagens eram carregadas de lendas e mistérios, assim como também era modelada a nossa vida durante aqueles verdes anos.

Em nossa frente não estava somente o Professor; o Doutor em Medicina; o Doutor em Direito; o enfermeiro de almas; o itinerante estudioso, colecionador de concursos universitários; o autor de prestígio nacional. Aos nossos olhos se mostrava também o Homem inteiro, a matéria e o espírito, a lenda e a realidade, um Senhor daquele tempo e daquele espaço físico mesmo quando sua palavra nos transportava para muito longe, na viagem através dos mitos, como se estivéssemos em moradias estranhas e tão distantes. Foi por isso que alguém, certa vez, comentou perto de mim: "Tive a sensação de estar mesmo "em um tapete voador".

Não lembro seu rosto em tristeza. Acho que nunca o vi triste. Quando entrava na sala de aula ou encontrava seus colegas ou alunos, quando chegava ao consultório, ia distribuindo pensamentos alegres, frases de espírito. Era um mendigo às avessas: sempre dando um pouquinho de alguma coisa para alguém. Ou seria um mágico, a tirar dos bolsas da alma as surpresas e os milagres de cada dia?

Surpresa e milagre agora habitam em nós.

Surpresa pela notícia de sua passagem, de sua viagem profun-

da e bela; milagre porque sentimos a sua ressurreição quando ainda nos diz que a vida dos mortos está na memória dos vivos.

A parte mais difícil de sua biografia não está na história de seus livros, dos concursos, das lutas profissionais, de sua família, da plenitude de sua vivência. Tudo isso, embora grande para se contar pode ser lembrado pelos parentes e amigos mais atentos. O mais difícil será a tentativa em desenhar fielmente a sua essência; que foi e continua sendo.

Muitas pessoas morrem. É possível dizer o que elas foram, o que fizeram. Mas há pessoas que, mesmo depois da morte, continuam vivendo em nós, ensinando ser a morte uma divindade mitológica: filha do sono e da noite. Morrer, dormir; dormir, talvez sonhar.

x x x

E aqui estamos: os alunos, os amigos, os colegas, a esposa, o filho, os netos, todos vivendo este momento através de sua imagem, sua palavra, de seu ser. Todos empenhados em lhe prestar a homenagem que não é uma despedida, mas uma saudação, uma espécie de cumprimento diário, assim quando estamos falando conosco mesmos.

Assim continuaremos. Os antigos alunos, os velhos colegas um pouco mais cansados, porém mais ternos. Os novos, com entusiasmo e admiração porque começam a ver que, além das opressões materiais e espirituais atormentando a sua geração, existe um outro mundo, também real e fantástico, porém melhor e mais humano: assim como lembra a canção que nos leva para além do arco-íris.

Agora estamos fazendo vinte e um anos.

Quando eu o conheci — no final dos anos 50 — exatamente nesta Casa, o Senhor, querido Professor, fazia uma conferência sobre a profissão do Advogado. Eu queria ser advogado e prestei atenção e quase tudo o que o Senhor falava, principalmente quando usou aquela imagem: "O Advogado é o pianista da palavra".

E, ao longo desses anos, quando meu corpo e minha alma sofrem e vivem o encanto da palavra, as surpresas e os milagres do fogo e da água, do frio e dos ventos, eu fico feliz porque a forja da existência modela também a memória e a lembrança; os amores antigos e os presentes; porque a fornalha, o fole e a bigorna não deixam morrer a seiva que nos alimenta e transcende a nós. Assim, por maiores que sejam as marcas, por mais vestígios que revelem a luta quotidiana e as grandes batalhas, restará indelével a essência do ser do Homem como sujeito e objeto do milagre da ressurreição.

Porque mesmo depois da morte surge um novo ciclo da existência, ao mesmo tempo densa e fluida, que nos penetra e ilumina.

Estamos entendidos. Nós aqui e o Senhor além. Juntos, porém. Juntos através dos móveis, das paredes, de seu sorriso calmo ou dos entes mais caros e dos amigos mais freqüentes.

E assim será até a destruição da última pedra sobre a qual nos erguemos; até a última gota d'água que lava as nossas tristezas; até o último dos ventos para levantar o pó que seremos".

O Prof. João Régis F. Teixeira, filho do homenageado, agradeceu em nome da família, através de comovido discurso.